

Paula de Andrade Freitas

O USO DE TÉCNICAS PROJETIVAS GRÁFICAS NA IDENTIFICAÇÃO DE
FRUSTRAÇÕES E CONFLITOS FAMILIARES QUE DIFICULTAM A
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS

Palmas - TO

2015

ii

Paula de Andrade Freitas

O USO DE TÉCNICAS PROJETIVAS GRÁFICAS NA IDENTIFICAÇÃO DE
FRUSTRAÇÕES E CONFLITOS FAMILIARES QUE DIFICULTAM A
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa MSc. Nara Wanda Zamora Hernandez.

Palmas - TO

2015

Dados Internacionais da Catalogação na
Publicação

Gil, Paula de Andrade Freitas,

G463u O uso de técnicas projetivas gráficas na identificação de
frustrações e conflitos familiares que dificultam aprendizagem de
crianças / Paula de Andrade Freitas Gil - Palmas, 2015
51fls.29 cm.

Orientação: Profa. MSc. Nara Wanda Z. Hernandez

TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) Psicologia - Centro
Universitário Luterano de Palmas. 2015

1. Conflitos familiares. 2. Problemas de aprendizagem. 3.

Testes Projetivos I. Hernandez, Nara Wanda Z. II. Psicologia .

CDU: 159.92

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo –
CRB-8/298

iv

Paula de Andrade Freitas

O USO DE TÉCNICAS PROJETIVAS GRÁFICAS NA IDENTIFICAÇÃO DE
FRUSTRAÇÕES E CONFLITOS FAMILIARES QUE DIFICULTAM A
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e
apresentado como requisito para obtenção do título
de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário
Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa MSc. Nara Wanda Zamora
Hernandez.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.a MSc. Nara Wanda Zamora Hernandez

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof. MSc. Wayne Francis Mathews
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof.a Esp. Almerinda Maria Skeff Cunha
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Palmas – TO

v

2015

vi

DEDICATÓRIA

A Deus pela força, equilíbrio, sabedoria. Ao meu

esposo Marco e meus amados filhos Gabriel e Pedro, pela paciência e apoio. Aos meus pais, exemplos de perseverança, maturidade e amor.

vii

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre estar do meu lado em todos os momentos, sempre me fortalecendo. Por ter me iluminado nas decisões mais difíceis, me guiado ao longo do curso para trilhar o caminho mais correto possível.

Agradeço ao meu amado esposo Marco com muita gratidão por ter me apoiado durante estes cinco anos de curso, sempre muito compreensivo e amoroso.

Aos meus filhos Gabriel e Pedro que são minha fortaleza de onde eu tiro todas as minhas energias para continuar sempre na busca pelo crescimento e conhecimento.

Aos meus pais pelo apoio, incentivo, com muito amor.

Agradeço a minha querida orientadora Professora Nara Wanda, que tenho uma grande admiração e me ajudou em muitos momentos, ensinamento estes que vou levar por toda minha vida.

Aos qualificadores Professor MSc. Wayne e Professora Almerinda, pelas correções e incentivo.

Enfim, todos me passaram, cada um ao seu modo, muito amor, carinho, cuidados, proteção, estímulo que me ajudou muito na construção desse trabalho.

viii

EPÍGRAFE

“Os pais podem dar alegria e satisfação para um filho, mas não há como lhe dar felicidade. Os pais podem aliviar sofrimentos enchendo-o de presentes, mas não há como lhe comprar felicidade. Os pais podem ser muito bem sucedidos e felizes, mas não há como lhe emprestar felicidade. Mas os pais podem aos filhos: Dar muito amor, carinho, respeito, Ensinar tolerância, solidariedade e cidadania, Exigir reciprocidade, disciplina e religiosidade, Reforçar a ética e a preservação da Terra. Pois é tudo isso que se compõe a auto-estima. É sobre a auto-estima que repousa a alma, e nesta paz que reside a felicidade”.

FREITAS, Paula Andrade de. **O uso de Técnicas Projetivas Gráficas na Identificação de Frustrações e Conflitos Familiares que Dificultam a Aprendizagem de Crianças**. 2015. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA, Palmas/TO, 2015.

RESUMO

Os problemas de aprendizagem são frequentes em crianças em idade escolar e possuem múltiplos fatores contribuintes, dentre eles os conflitos familiares. Com a ampla utilização de testes projetivos no diagnóstico de problemas de aprendizagem, o estudo buscou identificar de que maneira as frustrações e conflitos familiares estão relacionados às dificuldades de aprendizagem em crianças em etapa escolar, a partir da interpretação do House-Tree-Person (H.T.P.) e do Desenho Livre (D.L.). Para tanto, foi utilizado a pesquisa bibliográfica de natureza quali-quantitativa e objetivo metodológico exploratório. A coleta de dados se deu através de busca sistemática nas bases indexadas Scielo e Pepsic, utilizando como critério de corte, trabalhos publicados entre os anos 2000 e 2015. Como resultados, pudemos concluir a existência de manifestações de Dificuldade de Aprendizagem decorrentes de situações de Frustrações e Conflitos Familiares em desenhos infantis.

Palavras-Chave: Conflitos familiares. Problemas de aprendizagem. Testes projetivos.

x

ABSTRACT

Learning Problems Are Common in Children School Age and have Multiple Contributors factors, among they Family Conflict. With a Wide use of projective testicles undiagnosed learning problems, the study sought to identify to que way as frustrations and Family Conflicts are related to learning disabilities in children in school stage, the interpretation of from House-Tree-Person (H.T.P.), and Freehand (DL). To that end, we Used the Library Research qualitative nature and exploratory qualitative methodological goal. The data collection took place through Systematic search indexed databases Scielo and Pepsic using how to cut criterion, works published between 2000 and 2015. As results, we concluded the Learning Disabilities manifestations of existence due to frustrations Situations Family Conflict and infant drawings.

Keywords: Family conflicts. Learning problems. Projective tests.

Quadro 01 – Frustrações e Conflitos Familiares que afetam a aprendizagem escolar. xi

36

LISTA DE FIGURAS

GRÁFICOS

Quadro 02 – Indicadores de Frustração e/ou Conflitos Familiares que afetam a aprendizagem escolar. xi

Gráfico 01 - Frustrações e Conflitos Familiares mais recorrentes em crianças com dificuldades de aprendizagem. 40

37

QUADROS

xii

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Artigos selecionados por Plataforma virtual. 31

Tabela 02 – Trabalhos selecionados para análise. 33

Tabela 03 – Manifestações das Causas de Conflitos Familiares. 34

42

Tabela 04 – Manifestações das Causas de Dificuldades de Aprendizagem, conforme autor e ano.

34

LISTA DE ABREVIATURAS

Tabela 05 – Análise das causas segundo a frequência das Frustrações e Conflitos Familiares e outros (pessoais), identificados em crianças com Dificuldades de Aprendizagem.

38

ABP
Psiquiatria

APA
Association

Tabela 06 – Indicadores de de Frustração e/ou Conflito Familiar encontradas no D.L.

AELBRA Associação Educacional Luterana do Brasil

CEULP Centro Universitário Luterano de Palmas

CFP Conselho Federal de Psicologia

HTP House, Tree and Person

DL Desenho Livre

SATEPSI Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos

ULBRA Universidade Luterana do Brasil

xiv

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15 1
PERCURSO TEÓRICO	17 1.1
Conflitos e Frustrações no contexto familiar	17 1.1.1

<i>Conflitos Familiares</i>	19	1.1.2
<i>Frustração</i>	20	1.2
Problemas de Aprendizagem na perspectiva Sócio Histórica	21	1.3
As Técnicas Projetivas Gráficas	25	1.3.1
<i>Teste psicológico The House-Tree-Person (H.T.P.)</i>	28	1.3.2 O
<i>Desenho Livre (D.L.)</i>	29	2 PERCURSO
METODOLÓGICO	31	2.1
Procedimentos realizados no estudo.....	32	3
ANÁLISES E RESULTADOS	33	3.1
Conflitos familiares e frustrações infantis que dificultam a aprendizagem no contexto escolar	33	3.2
Indicadores de Conflitos e Frustrações infantis que se manifestam nas crianças com Dificuldade de Aprendizagem, mediante H.T.P e D.L.....	38	3.2.1
<i>Indicadores de Frustrações e Conflitos Familiares que dificultam a aprendizagem no H.T.P.</i>	41	3.2.1 Indicadores de
<i>Frustrações e Conflitos Familiares que dificultam a aprendizagem no D.L.</i>	43	4 CONSIDERAÇÕES
FINAIS	46	REFERÊNCIAS
.....	48	

INTRODUÇÃO

Historicamente, a família é responsável pela formação biopsicossocial e espiritual dos seres humanos. O sistema familiar promove a integração, garante o vínculo e gera as condições necessárias para o desenvolvimento da identidade, de história (tanto individual quanto familiar), das habilidades sociais e do senso de cuidado, consolidando o potencial de adaptação e mudança dos sujeitos (SANCHEZ, 2012). Neste espaço, os indivíduos também têm a possibilidade de desenvolver seu potencial afetivo, cognitivo e social.

Rompendo com a lógica linear, na contemporaneidade, as famílias apresentam novas configurações quanto à sua estrutura, e os membros de um mesmo núcleo familiar passam a assumir novos papéis, provocando mudanças socioculturais (BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012). Neste interim, as Ciências Humanas rompem com enfoque unitário para compreender os coletivos, na busca por uma

compreensão de como a família influenciou a criação de novos nichos sociais.

Na tentativa de compreender todos os mecanismos necessários para a manutenção dos novos modelos de família, bem como seu impacto no processo de subjetivação dos sujeitos, o presente trabalho teve como objetivo: identificar como as técnicas projetivas gráficas podem auxiliar na identificação de conflitos e frustrações infantis que dificultam a aprendizagem.

Os conflitos familiares podem gerar frustrações que interferem diretamente no desempenho acadêmico das crianças, afetando seu contexto familiar, social e escolar (CHAIKLIN, 2011; BRUST, 2009). Algumas crianças, de acordo com a etapa de seu desenvolvimento, são incapazes de externalizar tal sofrimento. As Técnicas Projetivas Gráficas, como instrumento psicológico, tornam-se, nesse contexto, um recurso válido para acessar o mundo interno das crianças, na busca por uma compreensão das emoções e sentimentos que elas nem sempre conseguem verbalizar.

As dificuldades de aprendizagem podem ser percebidas quando uma criança “apresenta desvios em relação à expectativa de comportamento do grupo etário a que pertence, ou seja, quando ela não está ajustada aos padrões da maioria desse grupo” (SANTOS, 2009, p. 10), a diferença de comportamento das demais crianças pode trazer consequências para o seu amadurecimento.

As dificuldades vivenciadas por crianças no contexto escolar, pode ser resultado de conflitos intrafamiliares. Esses conflitos manifestam-se de forma internalizada ou externalizada (STEVANATO, 2003, p.26). A medida em que eles se

sobrepõem, há o agravamento dos sintomas, refletindo de maneira negativa nos contextos vivenciais da criança. Em muitos casos, a intervenção de um profissional

especializado torna-se determinante para que a família tenha uma nova compreensão sobre aquele fenômeno, (re)significando as possíveis causas e buscando o manejo adequado à particularidade da situação.

Este estudo teve como objetivo geral: Saber como as técnicas projetivas gráficas podem auxiliar na identificação de conflitos e frustrações infantis que dificultam a aprendizagem. Para atingir essa finalidade teve-se como objetivo específico: conhecer a predominância de sintomas relacionados a conflitos familiares e frustrações infantis que dificultam a aprendizagem no contexto escolar; avaliar nos testes projetivos H.T.P. e D.L., de acordo com diferentes autores, traços de frustrações infantis que dificultam a aprendizagem.

Acredita-se, que os conflitos gerados no ambiente familiar possuem relação com as dificuldades de aprendizagem, sendo possível identifica-los graficamente nas técnicas projetivas: House-Tree-Person Test ou Teste do Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H.T.P.) e Desenho Livre (D.L.). As frustrações e os conflitos podem gerar problemas emocionais e de comportamento, podendo atrapalhar no processo de ensino-aprendizagem, necessitando - por vezes - de observação especializada.

Este estudo analisa de forma detalhada, as manifestações mais recorrentes no desenho (como os traçados, o tamanho, a localização na folha e demais distorções) que estejam (co)relacionadas aos comportamentos mais frequentes em crianças com problemas de aprendizagem, e que estejam vivenciando conflitos familiares. Para tanto está organizado da seguinte forma: Seção 1 – Percurso Teórico; Seção 2 - Percurso Metodológico; Seção 3 - Análise e Resultados; Seção 4 – Considerações Finais, seguido das Referências.

1 PERCURSO TEÓRICO

1.1 Conflitos e Frustrações no contexto familiar

Analisando a etimologia da palavra família é possível observar um amplo e variado significado para este vocábulo. No dicionário, o verbete família significa “unidade de parentesco que consiste de um grupo de indivíduos unidos por sangue ou por laços conjugais, adotivos ou laços íntimos” (APA, 2010, p. 409).

De acordo com sua análise e conclusão Carvalho (2006, p. 24) ressalta que a “história da família é desconstruída, não linear e não homogênea: consiste em padrões familiares distintos, cada um com sua própria história e explicações”.

A instituição familiar, a partir do Século XV, vem sofrendo influências sociais e culturais que afetam diretamente sua configuração. Nesse período, houve modificações na forma de compreender e conceituar a família. O modelo nuclear burguês tem início com “o surgimento da escola, da privacidade, igualdade entre os filhos, manutenção das crianças entre os pais e sentimento de família valorizado pelas instituições, principalmente a igreja” (CARVALHO, 2006, p. 24).

O sistema familiar vem sofrendo muitas transformações ao longo dos tempos. Elas são reflexo das mudanças socioculturais que marcam a história e cultura dos seres humanos, o que dificulta ainda mais uma conceituação do que seria família no mundo contemporâneo (SAWAIA, 2003). A família então, passa a ser concebida como um sistema polissêmico e circular, sem o compromisso de manter-se estático em seu próprio núcleo.

As mudanças na estrutura familiar contemporânea devem-se exclusivamente à perda de valores/tradição, que resultam em mudanças culturais. Tais mudanças estão intimamente ligadas à autonomia dos sujeitos e formação de sua individualidade

(CARVALHO, 2006). Essa individualidade trouxe conflitos para o modelo social, basicamente hierarquizado. Tal modelo se baseia na preponderância de um ditador de regras (nesse contexto educador/pais) sobre quem as acata (aqui representado pelos educandos/filhos).

Tais reformulações refletem diretamente na função e papel de todos no grupo familiar: os papéis sexuais; a figura do homem como patriarca do lar; e as relações entre pais e filhos, onde não estão bem estabelecidas. Resultando em novas divisões dentro do lar, desde a cooperação doméstica até à contribuição financeira (CARVALHO, 2006). O modo de organização atual da família é resultado direto dessa autonomia e espírito de individualidade desenvolvido pelo homem contemporâneo.

18

Não desenvolver essa autonomia implica claramente em perda o domínio da própria individualidade.

Em nosso Século, os relacionamentos humanos experienciam uma nova configuração, onde prevalecem laços frouxos e sem compromisso. Buscando a felicidade nos relacionamentos, os seres humanos empenham-se em evitar todo tipo de desprazer e sofrimento emocional.

Em outras palavras, não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas. O amor é afim à transcendência; não é senão outro nome para o impulso criativo e como tal carregado de riscos, pois o fim de uma criação nunca é certo. Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino - aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor.

“A satisfação no amor individual não pode ser atingida sem a humildade, a coragem, a fé e a disciplina verdadeiras”, afirma Erich Fromm - apenas para acrescentar adiante, com tristeza, que em “uma cultura na qual são raras essas qualidades, atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista”. E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” a semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não-mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos (BAUMAN, 2004, p. 21).

Na concepção psicanalista, a família contribui integralmente com a formação da psicossocial da criança. Cada um dos pais transmite uma herança que a criança irá ajustar a seu desejo. Segundo (CAPITÃO; ROMARO, 2012), na psicanálise, a dinâmica do casal se torna a dinâmica familiar, e esta está atravessada pela qualidade das relações objetais da história de vida familiar de origem desse casal. Dentro do casamento, a função da mãe seria a de reprodução, gerar vida, tornar-se objeto de desejo dos filhos, ela é para a criança um objeto amoroso e ameaçador. O pai, além de provedor das necessidades econômicas, instaura e coloca limites aos desejos dos filhos. Os filhos, por sua vez, trazem a mudança para a dinâmica do casal.

19

A família nuclear (composta por pai, mãe e filhos), é fruto do ideal burguês pós século XVIII, traz em sua gênese características culturais e morais herdadas do período medieval, onde imperavam os princípios religiosos dogmáticos cristalizados. Nesse período da história da humanidade, dominavam os valores hierárquicos, sendo

a afetividade pouco valorizada. Com o passar do tempo, essas crenças foram cada vez mais difundidas no seio familiar, e as crianças educadas fora do modelo tradicional teriam grandes chances de desenvolver um desvio moral ou de caráter (SYMANSKI, 2000). A sociedade ocidental começou a defender esses valores tradicionais sem discutir sobre que pilares eles se fundamentavam, e os conflitos familiares foram precocemente associados à “problemas emocionais, desvios de comportamento do tipo delinquencial e fracasso escolar” (p. 24), sem considerar-se a história pregressa e vicissitude de seus membros.

Atualmente, a família é compreendida como uma totalidade de todos os membros da casa, interagindo com o mundo a sua volta (SANCHEZ, 2012). Nessa visão, cada particularidade dos membros interfere no grupo (família) de modo a produzi-lo, regulá-lo e mantê-lo.

Historicamente, o núcleo familiar é “o primeiro ambiente de interação da criança” (ANDRADE, 2007, p. 33). Os anos iniciais de vida são fundamentais para o desenvolvimento emocional das crianças, sendo a família lócus potencial e produtor de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas. A mesmo tempo a família pode ser também núcleo gerador de “inseguranças, desequilíbrios e toda sorte de desvios de comportamento” (p. 34). Assim, quando a criança vive em um contexto familiar conflituoso, ao se inserir na escola, tende a reproduzir padrões comportamentais semelhantes àqueles vivenciados em seu lar.

A escolha e o fortalecimento da família se justificam graças à sua principal característica: a afetividade. A afetividade é o meio de entrar no que há de mais sagrado no convívio social e coletivo das famílias (SAWAIA, 2003). É no convívio diário dos seus membros, sejam estes protagonistas ou coadjuvantes no grupo familiar, que a afetividade se torna ainda mais efetiva quando se tem o vínculo da

paixão pelo bem comum, pela unicidade e pela comunhão no lar.

1.1.1 Conflitos Familiares

Os conflitos familiares podem se apresentar através de discussões e brigas, episódios envolvendo agressão e violência verbal, emocionais que têm efeitos tão

20

negativos quanto os físicos, dentre outros (BENETTI, 2006). As famílias podem também enfrentar “o sofrimento atrelados à separação e ao divórcio [...] problemas econômicos, este aspecto interfere na relação e no tempo que os pais permanecem com os filhos” (OLIVEIRA et al., 2008, p. 15).

De acordo com o dicionário *American Psychological Association* – APA (2010), conflito é

[...] o choque de forças emocionais ou motivacionais (p. ex., atitudes, impulsos, pulsões) e em relacionamentos interpessoais, a discordância, discórdia ou atrito que ocorre quando as ações ou crenças de um ou mais indivíduos são inaceitáveis para os outros, que resistem a elas (p. 214).

A esse respeito, Ortega; Rey (2002), afirmam que

[...] o conflito emerge em toda situação social em que se compartilhem espaços, atividades, normas e sistemas de poder e a escola obrigatória é um deles. Um conflito não é necessariamente um fenômeno da violência, embora, em muitas ocasiões, quando não abordado de forma adequada, pode chegar a deteriorar o clima de convivência pacífica e gerar uma violência multiforme na qual é difícil reconhecer a origem e a natureza do problema (p. 28).

As tensões existentes nas relações familiares, manifestas a partir desse reconhecimento das diferenças, podem ser positivas e enriquecedoras, nessa perspectiva de respeito mútuo entre os membros da família, ampliam os conhecimentos e conceitos de mundo (BRAGA, SCOZ E MUNHOZ, 2007). Se compreendermos a família, como o primeiro núcleo integrador e socializador da criança, as relações estabelecidas ali podem ser parâmetro para as interações futuras,

sobretudo, no contexto escolar. Assim, as instituições educacionais se toram palco para problemas relacionais diante de um problema real.

1.1.2 Frustração

A frustração é manifestada quando há o impedimento de uma pessoa em obter algo que estava em sua expectativa ou baseado em experiências anteriores (KRECH; CRUTCHFIELD, 1976). Ainda de acordo com o dicionário APA, podemos definir frustração como

[...] quando um animal faminto é impedido de obter um alimento que está vendo ou sentindo o cheiro, ou quando uma criança é impedida de brincar com um brinquedo visível. Forças internas podem incluir conflitos e inibições emocionais; forças externas podem incluir as ações de outras pessoas, repreensão de pais ou outros e as regras da sociedade. O estado que um indivíduo experimenta quando ocorre tal obstrução (p. 438).

21

Mesmo com todas as características de auto sustentação, a família pode se tornar palco de conflitos relacionais (ANDRADE, 2007). Esse modelo educativo familiar conflitivo manifesta-se também no ambiente escolar, podendo gerar diversas emoções e sentimentos, sendo que as crianças tendem a descarregá-las nos colegas ou professores, interferindo em seu desenvolvimento e aprendizagem.

Cabe ressaltar que não devemos depositar toda a origem dos problemas de aprendizagem nos conflitos internos familiares, uma vez que eles também podem estar ligados a causas orgânicas e ambientais.

1.2 Problemas de Aprendizagem na perspectiva Sócio Histórica

No decorrer da história, a psicologia observou e registrou cuidadosamente o

desenvolvimento das crianças. Com o passar do tempo, houve a necessidade de aprofundar estes conhecimentos, principalmente, na área da educação. As contribuições do psicólogo russo Lev Vygotsky (1868 – 1934), sobre o campo da aprendizagem, foram fundamentais para estes avanços.

Na perspectiva de Vygotsky, o aprendizado ocorre antes de a criança frequentar a escola, afirmando que

Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história previa. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades, tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm a sua própria aritmética pré-escolar, que somente psicólogos míopes podem ignorar (VYGOTSKY, 1998, p.110).

Assim, o conteúdo adquirido na escola servirá para confirmar o conhecimento prévio e instigar a criança a adquirir novos conhecimentos, impactando consideravelmente no seu desenvolvimento cognitivo e psicológico (VYGOTSKY, 1998). O aprendizado escolar, somado às trocas dialéticas, produz algo inovador no desenvolvimento da criança.

Segundo Chaiklin (2011, p. 664) “a relação entre o ensino de um determinado conteúdo escolar e suas consequências para o desenvolvimento psicológico se faz também necessária”. Nesse mesmo sentido, com a intenção de elaborar as dimensões do aprendizado escolar, Vygotsky (1998), criou o cunhou o termo: Zona de Desenvolvimento Proximal.

Vygotsky (1998), define a Zona de Desenvolvimento Proximal como

22

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma

determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes [...] e define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão (p. 112).

No contexto escolar, a criança vai estabelecendo, de modo gradual, relações interpessoais com seus pares. Tais relações são pautadas a partir do respeito mútuo e aceitação incondicional uns dos outros, até então, perfeitos desconhecidos. O núcleo familiar é modelo e referencial para a pluralidade das salas de aula, imperadas pelas diversidades ali representadas (BASTOS, 2014). Essa troca de saberes, fruto da interação de crianças com adultos preparados, e com demais crianças em diferentes faixas etárias, é equivalente a “[...] um espaço psíquico no qual o sujeito realiza uma ação, resolução ou raciocínio com auxílio, o que muito tem contribuído para pensar os processos educacionais e de aprendizagem” (p. 73).

Com as contribuições e conceitos sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 1998); da responsabilidade da escola; do rigor com os conteúdos ministrados; e da relação entre a escola e o aluno; as emoções humanas se tornam uma dimensão de grande importância para análise da clínica psicológica, mesmo na infância. O meio influencia o processo de aprendizagem, por exemplo: a escrita, a contagem, a leitura, não devem ser pensadas como naturais, mas como conquistas humanas que se instalam definitivamente nas atividades contemporâneas (BOCK et al., 2001), e nas possibilidades cognitivas do homem; essas possibilidades instalam-se na cultura em que a criança está inserida.

Para ocorrer qualquer aprendizado é fundamental que haja certo grau de maturidade de determinadas funções, sendo inviável ensinar uma criança de um ano de idade a escrever, ou uma de dois anos de idade a ler. Para que haja a conexão

entre essas funções que permitem a aprendizagem, Vygotsky (1993), afirma que quando a memória já progrediu o suficiente para subjetivação de símbolos, sobretudo do alfabeto, a atenção pode fixar numa tarefa exigente. Nesta etapa do desenvolvimento, a criança já amadureceu o pensamento a ponto de compreender a conexão entre signo e som. Nestas condições, pode-se ensinar uma criança a ler. A abordagem sócia histórica entende que o processo de aprendizagem inclui as relações entre as pessoas (são interpessoais). Nesse sentido, a relação do indivíduo

23

com o mundo está sempre mediada por outro, e ocorre no concreto relacional. De acordo com Bock et al. (2009, p. 141) “não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós”. Na mesma proporção em que o tempo passa, a educação vai se reformulando conforme o tempo.

Bock (2009), ressalta que a aprendizagem é “um processo essencialmente social, que ocorre na interação com os adultos e crianças e a escola é o local privilegiado para essa estimulação” (p. 274), ratificando que a relação entre aprendizagem e desenvolvimento sempre ocorre. O ser humano é sociável, por natureza.

Nossa sociedade cobra uma atuação mais ativa dos sujeitos. Dessa maneira, o papel do aluno torna-se importante no processo de ensino-aprendizagem, apropriando-se e objetivando-se no mundo, de forma dialética (BOCK, 2009). Nesse sentido, o desenvolvimento passa a ser compreendido não como um processo espontâneo, mas que busca a capacidade de aprender por si mesmo. Na concepção Sócio Histórica, aprender é fazer história, é transformar o mundo que assim mesmo o transforma como forma de apropriação pessoal. Essa tarefa realiza-se

obrigatoriamente no coletivo.

O início da educação infantil vem acompanhado de novidades, preocupações, expectativas, mas “antes de adentrar na vida escolar da criança, devemos lembrar que, a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar”. (PILETTI e ROSSATO, 2011, p. 110).

O aprendizado é um constructo de saberes, para que ela possa ocorrer, é essencial que haja uma interação entre um, o outro, e os objetos educacionais. Segundo Bastos (2014), para que possibilitem a aprendizagem, “as orientações educacionais necessitam ser pautadas por cooperação, comunicação, estabelecimento de diferentes sentidos e de representações” (p. 74).

Toda criança que entra na escola já passou por um processo de aprendizagem em sua rotina diária, tendo no ambiente familiar um dos principais laboratórios desse processo. Dessa maneira a “aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança” (VYGOTSKY, LURIA; LEOTIEV, 2006 p. 110).

O início da vida escolar da criança é um momento marcante, inicia com várias mudanças em sua rotina diária, e na de seus pais. A importância do início da etapa escolar na sociedade ocidental é muito valorizada (PILETTI, 2014). Nesse processo,

24

há a possibilidade de se intensificar o desenvolvimento infantil, dada a “riqueza de apropriações e de conhecimentos, da cultura, e pela possibilidade de convivência e aprendizado com seus pares” (p. 143).

A escola é uma instituição que desempenha um papel fundamental no processo de aprendizado, influenciando diretamente o desenvolvimento das crianças. A escola

é uma instituição de grande valor para a sociedade já que tem a possibilidade de

[...] transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança seja humanizada, cultivada e socializada ou, em uma palavra, educada. A criança vai então deixando de imitar os comportamentos dos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando assim sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (BOCK, Et al., 2009, p. 266).

Além disso, a escola exerce grande influência sobre a motivação de suas crianças. Para Eccles; Roeser, 2005 (*apud* SHAFFER, 2012). Quando as crianças se sentem seguras e estimuladas, elas se envolvem mais com a escola, “isso as ajuda a ter bons resultados, tanto no âmbito social, em como ter menos problemas emocionais” (p. 704).

Os conteúdos trabalhados pelos educadores criam novas estruturas mentais, são novas fontes de conhecimento favorecem a aprendizagem (PILETTI e ROSSATO, 2011). A criança se desenvolve melhor quando há um ambiente familiar favorável, quando sua relação com o meio externo é de confiança. Estes processos são fundamentais para que a criança adquira condições emocionais para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento a frustrações, e de novas formas de aprendizagens (BRUST, 2009).

A escola desempenha um papel fundamental no avanço da capacidade de suas crianças. Bock (et al., 2009), destaca que a escola não pode ser considerada a única responsável pelo ensino, já que as transformações sociais ocorrem de uma forma mais extensa, abrangendo toda a comunidade, os meios e comunicação de massa, as leis e todos movimentos sociais, para aí sim, atender as famílias.

As relações interpessoais desenvolvidas no ambiente escolar têm grande importância no desenvolvimento da criança. É na escola “que podemos aprender que

nem todas as pessoas pensam e agem da mesma forma e que essa diferença no modo de agir deve ser valorizada por todos” (BOCK et al., 2009, p. 273).

Na opinião de Souza e Silva (2006), a etapa escolar engloba várias informações novas, e pode gerar algum tipo de sentimento sobre o qual a criança não tem

25

conhecimento. Quando são percebidos novos comportamentos na criança, há uma necessidade de que sejam tomadas as providencias para que essa situação conflituosa não prejudique seu desempenho escolar.

Os conflitos podem levar a criança a ter um desempenho não esperado por ela própria. Dessa maneira, “a vivência de situações de baixo rendimento escolar gera não apenas sentimentos como baixa autoestima, mas também influencia na capacidade produtiva do indivíduo” (MAZER Et. al., 2009, p. 05)

A participação e acompanhamento dos pais no desempenho escolar das crianças é um diferencial, particularmente quando há conflitos internos no núcleo familiar. A falta de envolvimento dos pais na vida acadêmica de seus filhos, é um forte indicio de ambiente familiar conflituoso. Segundo Mazer (2009), a “dificuldade de aprendizagem está inserida em uma cadeia de causas e consequências de problemas psicossociais na infância” (p. 09).

A desmotivação do aluno e o baixo rendimento escolar devem receber a atenção profissional necessária, de modo a não culpabilizar ou estigmatizar o sujeito (COLL e COLOMINA, 2004). Aqui, faz-se necessária uma compreensão dos fatores envolvidos nesse processo. Dessa maneira, “é fundamental que as crianças com dificuldade de aprendizagem não sejam vistas como culpadas” (p. 118).

Diante das possíveis dificuldades de aprendizagem, é necessário que a escola

desenvolva ações adequadas, proporcionando situações educativas diferenciadas, bem como a devida orientação aos pais para que percebam a interferência dos fatores influenciadores no desempenho escolar, de modo que crie condições para que as crianças tenham acesso igualitário e adequado ao ensino e aprendizagem.

1.3 As Técnicas Projetivas Gráficas

A criança, mesmo quando bem pequena, é capaz de se expressar pelo desenho, já sendo capaz de segurar um lápis para fazer riscos e rabiscos. Ela desenha somente o que conhece, transmitindo para o papel aquilo que teriam dificuldade de verbalizar.

Segundo Freitas e Noronha (2005), o desenho infantil é

[...] um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo e constitui-se num elemento mediador de conhecimento e autoconhecimento. A partir do desenho a criança organiza informações, processa experiências vividas e pensadas,

26

revela seu aprendizado e pode desenvolver um estilo de representação singular do mundo (p. 88).

Geralmente, a evolução do desenho da criança acompanha seu desenvolvimento geral. Para Matos (2010), “pelo desenho a criança canta, brinca, teatraliza, coloca todos os seus sentimentos e pensamentos no papel, criando um universo só seu” (p. 2). O desenho favorece o desenvolvimento criativo da criança, desta forma não se deve interferir, influenciar ou direcionar na maneira da criança desenhar ou dar-lhe desenhos prontos, já que isso poderá retrair a sua forma de expressar.

Ainda segundo Matos (2010, p. 2), “o educador deve valorizar sempre o desenho dos educandos, por mais que seja indecifrável ao seu olhar, todo desenho vem carregado de significados”. A partir da valorização do símbolo, é que se possibilitou a apreensão da realidade interna imediata do indivíduo. É assim que surgem os testes psicológicos projetivos (FORMIGA; MELLO, 2000).

As análises dos conteúdos não verbalizados e sua utilização nos prognósticos psicológicos e psiquiátricos surgiram bem antes da sistematização das escalas e dos testes psicológicos utilizados atualmente. Um dos pioneiros a trabalhar com essa elaboração simbólica foi Freud através da associação livre, e da interpretação dos sonhos, entre 1895 e 1899, “destacando o que se encontra no indivíduo não se encontra por acaso, apresentado no contexto vivido, estaria coberto de significados e poderia trazer a chave para a interpretação desse contexto” (AUGRAS, 1998, *apud* FORMIGA; MELLO, 2000, p. 5).

Na avaliação projetiva, o desenho é uma forma de manifestação dos aspectos inconscientes da personalidade, e os testes gráficos mais conhecidos são House-Tree-Person Test ou Teste do Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H.T.P.) e o Desenho Livre (D.L.) (BORSA, 2010). Nas demandas de avaliação psicológica são utilizados instrumentos, alguns de uso privativo dos psicólogos, para fins diversos. Estes podem ser utilizados em vários contextos de atuação do psicólogo como em instituições (escolas, empresas e clínicas-escolas de universidade), com fins diagnósticos e interventivos.

A interpretação empírica dos desenhos projetivos se baseia em alguns fundamentos que são apresentados por Hammer (1991):

- (a) o uso de significados comuns psicanalíticos e do folclore de símbolos, derivados do estudo dos sonhos, dos mitos, da arte da fantasia e outras atividades impregnadas de determinismo inconsciente. (b) a experiência

clínica com mecanismos de deslocamento e substituição, assim como uma ampla gama de fenômenos patológicos, especialmente os sintomas de conversão, obsessões e compulsões, fobias e os estados psicóticos – que só se tornam compreensíveis dentro do contexto do conceito de simbolismo. (c) o deslindar do simbolismo utilizado nos desenhos ao convidar o sujeito a fazer associações. (d) a evidencia empírica derivada dos desenhos prévios dos pacientes. (e) seguindo a pista oferecida pela inundação franca da simbolização na folha do desenho, do inconsciente de psicóticos, podemos então detectar murmúrios mais sutis na mesma linguagem do simbolismo nos desenhos dos não psicóticos. (f) a correlação entre desenhos projetivos feitos em vários intervalos no curso da terapia e o quadro clínico na época em que os desenhos foram produzidos. (g) a consistência interna entre um desenho e outro, entre os desenhos e as outras técnicas da bateria projetiva, entre desenhos e sonhos, entre desenhos e o quadro comportamental e entre os desenhos e a história do caso. (h) e finalmente o mais importante de tudo: os estudos experimentais (p.39).

O campo de interpretação dos desenhos projetivos também se apoia em vários postulados teóricos,

(a) há uma tendência no homem para ver o mundo de modo antropomórfico, a sua imagem. (b) o núcleo da visão antropomórfica do mundo é o mecanismo de projeção. (c) as distorções entram no processo de projeção na medida em que a mesma tem uma função defensiva, isto é, presta o serviço de atribuir ao mundo externo aquilo que o sujeito nega em si mesmo (HAMMER, 1991, p. 39).

Os testes projetivos são instrumentos utilizados para complementar na integralização de informações necessárias para realização das avaliações psicológicas, pois “as técnicas projetivas proporcionam um amplo campo de interpretação no que se trata do resgate do inconsciente do indivíduo” (FORMIGA e MELLO, 2000, p. 5).

Sobre os testes projetivos, Formiga e Mello (2000), afirmam que

sua ampla aplicação é considerado essencialmente científica, pois, nos permite resultados semelhantes e práticos, tais como: levantamento do problema, formulação de hipóteses, estudos das variáveis e comprovação

ou refutação das mesmas (p.39).

As projeções são tendências inconscientes de uma pessoa que são atribuídas a outras pessoas ou coisas. Quando acessamos esse conteúdo, podemos ter uma compreensão mais ampla de conteúdos internos dos sujeitos analisados. Dessa forma, esses testes projetivos podem contribuir para captarmos e representarmos o mundo simbólico das crianças. Por exemplo, “a linha feita pode ser firme ou tímida, incerta, hesitante ou audaciosa ou pode consistir num ataque selvagem ao papel” (HAMER, 1991, p. 1).

Quando o sujeito desenha no papel, suas atividades psicomotoras ficam registradas de maneira gráfica, dando a possibilidade de acessarmos informações inconscientes representadas graficamente pelos sujeitos.

28

1.3.1 Teste psicológico The House-Tree-Person (H.T.P.)

O desenho começou a ser usado a partir do Século XX, com o intuito de analisar-se as características da personalidade e as capacidades cognitivas dos indivíduos, sendo utilizados até então, especificamente como técnica de avaliação psicológica (BORSA, 2010).

Há um rigor ético no que se refere à utilização de testes psicológicos que devem ser de uso exclusivo do psicólogo (LAGO e BANDEIRA, 2008). Estes instrumentos passaram por estudos de avaliações para verificação de aplicabilidade, fidedignidade e confiabilidade, sendo validados por estudiosos da área no mundo e em cada país, garantindo o seu uso confiável.

O desenho é uma das formas mais antigas de comunicação, sendo uma das

primeiras formas de expressão da criança (MATOS, 2010). A partir da observação da criança ao desenhar, analisa-se seu envolvimento e concentração, prazer e relaxamento, seu estado emocional, como ferramenta para acesso ao seu mundo interno. O H.T.P. foi criado por John N. Buck (1906-1983), em 1948, com o objetivo de compreender aspectos da personalidade do indivíduo bem como a forma deste indivíduo interagir com as pessoas e com o ambiente (BUCK, 2003). O H.T.P. estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito dentro do *setting* terapêutico, proporcionando uma compreensão dinâmica das características e do funcionamento do indivíduo, estabelecendo uma comunicação efetiva.

Buck (2003), descreve o procedimento de aplicação do H.T.P. em quatro etapas distintas:

- A **primeira** que é não-verbal, criativa e quase completamente não estruturada, consiste em convidar o indivíduo a fazer o desenho a mão livre acromático (sem utilização de cores), de uma casa, de uma árvore, e o de uma pessoa. Um desenho adicional de uma outra pessoa do sexo oposto à que foi a primeira pode ser solicitado.
 - Na **segunda** fase, é realizado um inquérito posterior ao desenho bem estruturado, envolve fazer uma série de perguntas relativas às associações do indivíduo sobre aspectos de cada desenho;
- 29
- Na **terceira** fase, solicita-se que o indivíduo desenha novamente uma casa, uma árvore e uma pessoa (ou duas pessoas), dessa vez usando giz de cera.
 - Na **quarta** fase, o examinador aplica um inquérito adicional sobre os desenhos

coloridos;

Dessa forma, é possível avaliar os desenhos pelos sinais de psicopatologia existentes ou em potencial “baseados no conteúdo; características do desenho, como tamanho, localização; a presença ou ausência de determinadas partes e as respostas do indivíduo durante o inquérito” (BUCK, 2003, p. 1).

Dentre essas descrições do procedimento, cada desenho no teste HTP tem as descrições de seus significados (BUCK, 2003).

O desenho da casa estimula associações referentes ao lar e as relações interpessoais íntimas. O desenho indica como o indivíduo age sob estresse e tensões nos relacionamentos íntimos. As áreas de interpretação no desenho da casa geralmente referem-se à acessibilidade, nível de contato com a realidade e grau de rigidez do indivíduo. São analisados, portas, maçanetas, janelas, chaminés, caminhos, telhados, entre outros detalhes.

O desenho da árvore é uma expressão gráfica da experiência de equilíbrio sentida pelo indivíduo e da visão de seus recursos de personalidade para obter satisfação no seu ambiente. A qualidade do desenho da árvore parece refletir uma capacidade do indivíduo para avaliar criticamente suas relações com o ambiente. Considera-se na análise, o tronco, folhas, galhos, copa, raízes, frutos.

O desenho da pessoa possui mais associações conscientes que os demais desenhos, devido expressar diretamente a imagem corporal do sujeito. O desenho reflete a capacidade do indivíduo nos relacionamentos e como submete o self e as relações interpessoais à avaliação crítica objetiva. Nessa interpretação analisa-se a cabeça; o tronco; as mãos; e as expressões faciais.

1.3.2 O Desenho Livre (D.L.)

Outra técnica projetiva amplamente utilizada é o Desenho Livre (DL). De fácil aplicação, pode ser utilizado no diagnóstico psicológico e em situações de pesquisa.

Nele, solicita-se que a pessoa desenhe o que quiser, ou ainda, como ela quiser (CUNHA, 2000). No entanto, “é necessário um controle quanto à organização do

30

material utilizado no teste, para que possa se configurar como teste de avaliação psicológica” (p. 520).

No processo de avaliação psicológica a observação clínica deve contemplar

as reações do sujeito às instruções, que podem envolver indícios de ansiedade, resistência, desconfiança, ou, pelo, contrario, de cooperação ou de aceitação passiva da tarefa. Além disso devem-se anotar o tempo de reação e os comportamentos verbais e não verbais. Caso o sujeito manifeste ansiedade, resistência ou desconforto, recomenda-se dizer que não se preocupe em chegar a uma produção artística, porque não se pretende avaliar sua aptidão, mas sim a maneira como desenha (CUNHA, 2000, p. 519). Há uma preocupação da psicologia enquanto ciência e profissão quanto

ao

rigor técnico e científico de uso de instrumentos psicológicos como subsídio ao processo de avaliação psicológica e no contexto clínico.

No Brasil o Conselho Federal de Psicologia (CFP), realiza esse controle por meio do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), uma plataforma online de livre acesso para consulta de instrumentos padronizados favoráveis pelo Conselho. Também estão disponíveis as Resoluções: 002/2003; 007/2003; 003/2007; 018/2008; 001/2009/ 002/2009; 007/2009; 009/2011; 005/2012 do Conselho Federal de Psicologia, que dispõem sobre o uso de testes psicológicos com a finalidade de

atendimento clínico e avaliação psicológica.

De acordo com Buck (2003), os testes gráficos, como o H.T.P. e o D.L., contém um grande valor terapêutico e auxilia o psicólogo a visualizar as condições psicoafetivas do indivíduo, sendo um recurso válido no processo clínico e avaliativo.

31

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo utilizou-se do método exploratório. De acordo com Gil (1996), o método exploratório assume um caráter investigador de assuntos pouco conhecidos, proporcionando uma melhor compreensão do fenômeno que está sendo investigado.

Quanto à sua abordagem, a pesquisa será de natureza quanti-qualitativa, por considerar as (multi)causalidades inerentes as formas de produção de conhecimento teórico em psicologia, ampliando as possibilidades teóricas e metodológicas de análise dos fenômenos/processos (SILVA e SILVEIRA, 2011).

O procedimento adotado foi a pesquisa bibliográfica, que tem como fonte de dados meios secundários. A finalidade da pesquisa bibliográfica é “colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto” (MARCONI e LAKATOS, 2001, p. 43), essa aproximação entre objeto de pesquisa, pode ser vista como um diferencial para a realização do estudo, uma vez que favorece uma visão circular dos processos estudados.

Os estudos que se fundamentam somente em fontes bibliográficas são relevantes para a discussão, a reflexão, a construção de conhecimentos e saberes cientificamente aplicáveis na prática (GIL, 1996). O diferencial metodológico de uma pesquisa bibliográfica é que ela utiliza como fonte de dados somente conteúdos

teóricos disponíveis em livros, teses, dissertações, monografias, artigos, revistas, periódicos.

Comumente, há uma distorção metodológica a despeito dos procedimentos da pesquisa bibliográfica, sendo esta frequentemente confundida com a revisão de literatura, levando a trabalhos com pouco rigor científico. A respeito disso, Lima e Miotto (2007), consideram que

A revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório (p. 38). A pesquisa bibliográfica possui caráter científico e facilita a obtenção de respostas aos objetos de estudo que são passíveis de utilização de fontes secundárias. Assim, é possível dar respostas à necessidade de síntese de conhecimento produzido e separação de estudos pertinentes àqueles que não são relevantes à determinado estudo ou tema (PEREIRA e BACHION, 2006, p. 492).

32

A pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador um longo alcance para Gil (1996) citado por Lima e Miotto (2007, p. 40), o “amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto”.

2.1 Procedimentos realizados no estudo

Considerando os passos acima explicitados, foram utilizados como parâmetro temático os descritores: “conflitos familiares; dificuldades de aprendizagem; técnicas projetivas”. Como parâmetro linguístico, optou-se por obras no idioma português. As

principais fontes foram artigos científicos publicadas em periódicos disponíveis nas plataformas eletrônicas Scielo e Pepsic. Como parâmetro cronológico, utilizou-se trabalhos publicados nos últimos 15 anos (2000 – 2015), objetivando obter o caráter de atualidade nessa pesquisa.

As publicações selecionadas de acordo com os critérios de inclusão foram sistematizadas em quadros, conforme orienta Sampaio e Mancini (2007), com os seguintes indicadores: título do artigo; autores; ano de publicação; contexto estudado; e manifestações no desenho infantil descritas no estudo.

Os trabalhos selecionados foram organizados em forma de gráficos, quadros e tabelas. A partir dessa sistematização foi possível a leitura crítica e interpretativa dos artigos selecionados, objetivando a apreensão das ideias centrais e das manifestações mais recorrentes apontado pelos autores dos artigos analisados como indicadores de Dificuldades de Aprendizagem resultantes de Frustrações e Conflitos Familiares.

Posterior a essa etapa foi realizada a imersão no conteúdo das interpretações propostas no H.T.P. e D.L. que estivessem relacionadas aos sinais e sintomas descritos nos artigos selecionados na etapa de levantamento bibliográfico. A correlação das expressões encontradas nos desenhos como manifestações gráficas sintomas foram também sistematizadas em tabelas e gráficos, conforme os objetivos específicos da pesquisa.

33

3 ANÁLISES E RESULTADOS

Nas Plataformas “Scielo” e “Pepsic”, não foi possível encontrar nenhum artigo científico a partir das palavras-chave selecionadas: “Conflitos Familiares; Dificuldades de Aprendizagem; Técnicas Projetivas”, assim, optou-se por abrir o leque da pesquisa e buscar por novos trabalhos científicos que exploravam o tema proposto na pesquisa: “Conflitos Familiares”; e “Dificuldades de Aprendizagem”.

Os resultados encontrados podem ser consultados na Tabela 01.

Tabela 02 – Artigos selecionados por Plataforma virtual.

PALAVRA-CHAVE PLATAFORMA	No DE ARTIGOS ENCONTRADOS		No DE ARTIGOS SELECIONADOS	
	SciELO	Pepsic	SciELO	Pepsic

Conflitos Familiares

SciELO	818	Pepsic	02	03	Dificuldade de Aprendizagem	SciELO	132	Pepsic	32	06	Fonte:
--------	-----	--------	----	----	-----------------------------	--------	-----	--------	----	----	--------

(ANDRADE, 2015).

A Tabela 01 apresenta o número total de trabalhos encontrados seguindo os novos quesitos para seleção. Cumpre esclarecer que nem todo os arquivos encontrados pelo buscador foram analisados. Todos os artigos foram classificados por título e ano de publicação. Para escolha dos trabalhos a serem analisados, utilizou-se como critério de exclusão a temática analisada a partir do título e ano de publicação. Os artigos cuja temática não compreendiam os temas aqui pesquisados: “Conflitos Familiares”; e “Dificuldades de Aprendizagem”, em que o intervalo de tempo estivesse fora do estabelecido na metodologia (2000 - 2015), não foram analisados. Obedecendo estes critérios, para o Descritor: “Conflitos Familiares” foi selecionado 03 (três) trabalhos, e para o Descritor: “Dificuldade de Aprendizagem”, foram selecionados 06 (seis) trabalhos.

3.1 Conflitos familiares e frustrações infantis que dificultam a aprendizagem no contexto escolar

As Técnicas Projetivas Gráficas são um instrumento de grande auxílio no contexto clínico e psicodiagnóstico. Por meio delas o psicólogo tem uma ferramenta de fácil acesso e de simples aplicação para condução de seus atendimentos clínicos (CUNHA, 2000). Contudo é preciso problematizar que tais instrumento vem perdendo

34

espaço dentro da categoria, em parte, pela falta de novos estudos sobre o campo, em parte, pela falta de incentivo das academias, que dedicam uma parte mínima de seus currículos para disciplinas que envolver conhecimento e aplicação de testes, sobretudo, projetivos.

As Técnicas Projetivas apresentam outra particularidade, pela falta de estudos acadêmicos sobre a área, os psicólogos – em sua formação – cada vez menos, entram em contato com estes instrumentos, o que dificulta seu manuseio na clínica, sobretudo sobre as Técnicas Projetivas o H.T.P. e o D.L (FORMIGA e MELLO, 2000). Tais

instrumentos são estruturados de forma coesa, com metodologia própria, onde psicólogos podem consultar manifestações pessoais dos sujeitos e utilizá-las como respaldo técnico científico para o processo de avaliação clínica e/ou psicodiagnóstico.

Nos artigos analisados, os Conflitos Familiares aparecem como resultados das mudanças sociais que atravessam nosso século, tais como: a permanência dos filhos com os pais por mais tempo, que saem mais tarde de casa cada vez mais tarde; a fluidez com que os laços familiares são formados e se desfazem; e as novas concepções de família na contemporaneidade, são fenômenos muito recentes em nosso século, e que ainda carecem de estudo aprofundado pelas ciências (OLIVEIRA et al., 2008).

A frustração surge como uma demanda secundária dessa revolução cultural que as famílias sofrem em nosso século, e interfere na vida escolar de crianças que vivem em um contexto familiar conflituoso (SANTOS, 2009). Nesse sentido, é possível afirmar que as Frustrações vivenciadas na infância, enquanto agravante das dificuldades de aprendizagem, podem ser resposta da criança a um contexto familiar onde predomina a ocorrência de Conflitos Familiares.

Para análise dos dados, os trabalhos selecionados foram catalogados conforme: título; autor; ano; e palavra-chave (Ver Tabela 02). Observando a palavra-chave utilizada para busca nas plataformas “SciELO” e “Pepsic” foram: “Conflitos Familiares” e “Dificuldades de Aprendizagem”.

35

Tabela 02 – Trabalhos selecionados para análise.

**No TÍTULO AUTOR ANO PALAVRA
CHAVE**

01

A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem
MEDEIROS; Et. al. 2000 D.A.*

02 Família, escola e a dificuldade de

aprendizagem: intervindo sistemicamente ANDRADA 2003 D.A.*

03

O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem

MEDEIROS; Et. al. 2003 D.A.*

04

Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento

STEVANATO; Et. al. 2003 D.A.*

05

Crianças com dificuldades escolares atendidas em programa de suporte psicopedagógico na escola: avaliação do autoconceito

OKANO; Et. al. 2004 D.A.*

06 Crianças com dificuldade de aprendizagem a escola: emoções e saúde em foco

e

ENUMO; FERRÃO;

RIBEIRO 2006 D.A.*

07 Família e aprendizagem escolar CASARIN; RAMOS 2007 C.F.**

08

Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes

TEODORO; FREITAS. CARDOSO;

2009 C.F.**

09

Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica

BOAS; DESSEN;

MELCHIORI. 2010 C.F.**

Fonte: (ANDRADE, 2015). * *Dificuldade de Aprendizagem* ** *Conflito Familiar*

A partir das Palavras-Chave, os artigos foram elencados conforme assunto e manifestações, com o objetivo de identificar as Frustrações e Conflitos Familiares infantis que dificultam o processo de aprendizagem escolar. Assim, os artigos selecionados para a pesquisa foram categorizados quanto a sua temática em: “Dificuldades de Aprendizagem – D.A.” e “Conflito Familiar – C.F.”, em seguida, foram elencadas as principais manifestações recorrentes nos dois quadros clínicos, tal como descrito pelos respectivos autores em seus textos.

Na Tabela 03, foram relacionadas as expressões mais comuns de “Dificuldades de Aprendizagem” que interferem diretamente no rendimento de crianças em idade escolar.

36

Tabela 03 – Manifestações das Causas de Conflitos Familiares, conforme autor e ano.

AUTOR

MANIFESTAÇÕES DAS CAUSAS DE DIFICULDADES DE APREDIZAGEM DECORRENTES DE FRUSTRAÇÃO E CONFLITO FAMILIAR

TEODORO; CARDOSO; FREITAS (2009)

Sintomas depressivos; estresse; tristeza; introspecção; tensão nas relações familiares.

CASARIN; RAMOS, 2007

Separação dos pais; brigas no contexto familiar; dificuldades financeiras; isolamento social; imaturidade emocional.

BOAS; DESSEN; MELCHIORI, 2010

Divisão de responsabilidades; divórcio dos pais; diferenças de gênero; presença dos filhos; tensão nas relações familiares. **Fonte:** (ANDRADE, 2015).

A Tabela 04 apresenta os comportamentos mais frequentes em crianças com Dificuldade de Aprendizagem, que estejam vivenciados situações de Frustração e Conflito Familiar, de acordo com os autores analisados na pesquisa.

Tabela 04 – Manifestações das Causas de Dificuldades de Aprendizagem, conforme autor e ano.

AUTOR

MANIFESTAÇÕES DAS CAUSAS DE FRUSTRAÇÕES DECORRENTES DE CONFLITO FAMILIAR QUE INTERFEREM APREDIZAGEM ESCOLAR

ANDRADA (2003)

Agitação; nervosismo; dificuldade de relacionamento com colegas; sentimento de culpa; agressividade; violência; estigmatização da criança na escola; esquecimento; distração;

ENUMO; FERRÃO; RIBEIRO (2006)

Tristeza, vontade de chorar; vontade de morrer; briga entre os pais; medo; dificuldade de dormir; pesadelo e terror noturno; sentimento de inutilidade; tédio; hiperatividade; sentimento de confusão; dor de cabeça; depressão; sonolência/apatia; ansiedade;

Ansiedade; baixo senso de auto-eficácia; MEDEIROS Et. al. (2000)

preocupação; fechamento ou solidão; irritabilidade; insegurança; pais com problemas comportamentais;

Baixo senso de auto-eficácia; passividade; falhas no MEDEIROS Et. al. (2003)

processo de auto-regulação; hostilidade e resistência a normas; baixa atenção; baixo controle de impulsos.

Percepção negativa de si mesmo; inferiorização; OKANO Et. al. (2004)

sentimento de rejeição; baixa autoestima; sentimento de inadequação;

STEVANATO Et. al. (2003)

Comportamento anti-social; ansiedade; sentimento de inferioridade; sentimento de inadequação; sentimento de insatisfação; autoconceito negativo; insegurança; baixa auto-estima; dificuldades de interação com os colegas; ideias intrusivas; tristeza, insatisfação consigo mesmo; preocupação. **Fonte:** (ANDRADE, 2015).

Todos as manifestações elencadas nas Tabelas 03 e 04 são apontadas pelos autores como indicadores de Dificuldade de Aprendizagem decorrentes de

Frustrações e Conflitos Familiares que interferem significativamente no processo de ensino aprendizagem de crianças em etapa escolar. Segundo Andrade (2007), o Conflito Familiar aparece como demanda inicial para Frustrações e padrões comportamentais ansiosos. Qualquer uma das manifestações aqui elencadas, podem interferir diretamente no rendimento acadêmico de crianças e adolescentes, prejudicando seu rendimento escolar.

Em geral, essas crianças presenciam situações de intenso desgaste emocional em seu lar, tais como: brigas dos pais, problemas financeiros, violência, brigas de poder etc., que acabam resultando em manifestações secundárias presentes nas crianças, e vivenciadas como sintoma: tristeza, baixa autoestima, medo, insegurança e agressividade.

Os problemas relacionais vivenciados pela criança em seu contexto social, sobretudo na escola, como: *bullying*, sentimento de inutilidade, sentimento de confusão, isolamento social etc, agravam ainda mais o quadro etiogênico destas crianças, que acabam tendo outros aspectos de sua vida afetados pelos problemas decorrentes de conflito intrafamiliar.

Uma intervenção imediata de profissional especializado pode ser o diferencial para trabalhar essas questões ainda na fase inicial, evitando prejuízos secundários à família (LAGO e BANDEIRA, 2008). Contudo, antes de intervir em uma demanda de Dificuldade de Aprendizagem, deve-se eliminar a hipótese de causa orgânica.

O domínio técnico e teórico de Técnicas Projetivas Gráficas como o H.T.P e o D.L. podem ser um diferencial a práxis do psicólogo, sobretudo, em queixas de Dificuldade de Aprendizagem. Tais técnicas possibilitam, de forma acessível e imediata, um leque de informações sobre a vida pregressa do cliente e aspectos emocionais internos que nem sempre são verbalizadas no contato inicial.

As técnicas projetivas são um recurso válido na clínica por auxiliar o psicólogo num processo diagnóstico rápido e conciso, possibilitando uma intervenção clínica imediata, em muitos casos, antes que apareçam sintomas secundários (JUREMA, 2000), viabilizando uma intervenção terapêutica que atenda a real necessidade da família.

38

3.2 Indicadores de Conflitos e Frustrações infantis que se manifestam nas crianças com Dificuldade de Aprendizagem, mediante H.T.P e D.L.

A partir das manifestações comportamentais mais comuns apontadas pelos autores nos artigos analisados, que relacionam problemas de aprendizagem causados por conflitos familiares. Realizou o cruzamento dos dados encontrados nas Tabelas 02, 03 e 04, com o objetivo de identificar quais são as Frustrações e os Conflitos Familiares mais comuns em crianças no contexto analisados. O resultado pode ser consultado no Quadro 01.

Quadro 01 – Frustrações e Conflitos Familiares que interferem na aprendizagem escolar.

AUTORES

0;

T · FRUSTRAÇÕES E

1.

ttNI7)

0;

; O

EEEa0; 3;

, 2A

)

) CONFLITOS

O ; T. 000SS 0tN, S S 030)

0)

)

) DIIA2OSR0SAE003649Ã **FAMILIARES QUE** OOR, ARR2NTEIOM00_0000(IRSRRRAO A22OEI1000D0DU. **T**

DIE((I **INTERFEREM NA** RSDO22N2V2; BEERN. . aO(((IHRIEA NAESMDD. A_E Faa **APRENDIZAGEM** **A**

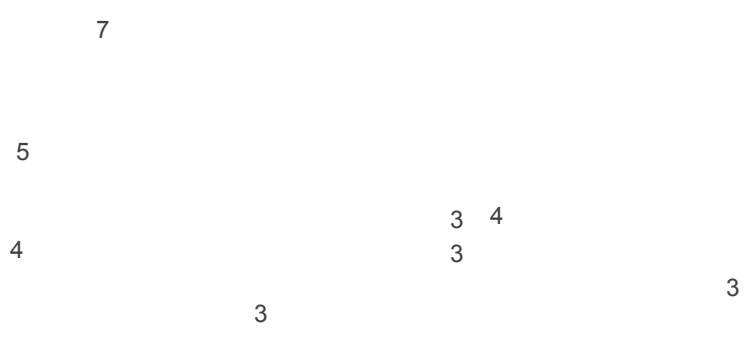
C RF tT CA KAAEE_L ESO R MM **ESCOLAR**

L BMAgitação X X 2 Agressividade X 1 Ansiedade X X 2 Apatia X 1 Baixo senso de autoeficácia X X X X X 5
 Bullying X X 2 Briga dos Pais X X X X X X 7 Culpa X 1 Depressão X 1 Dificuldade de dormir X 1 Distração X X X
 3 Dor de cabeça; X 1 Hiperatividade X X X 3 Insegurança X X 2 Irritabilidade X 1 Impulsividade X X X 3 Isolamento
 social X X X X 4 Medo X 1 Nervosismo X 1 Pesadelo X 1 Sentimento de confusão X X 2 Sentimento de inutilidade
 X X X X 4 Separação dos Pais X X X 3 Sonolência X 1 Tristeza X X 2 Violência X 1 Vontade de chorar X 1 Vontade
 de morrer X 1 **Fonte:** (ANDRADE, 2015).

De acordo com o Quadro 01, foi possível identificar que crianças vítimas de Dificuldades de Aprendizagem decorrente de situações de Frustração e Conflitos Familiares, apresentam alguns sinais típicos das respectivas problemáticas. Tais conflitivas apresentam características específicas que, em grau de frequência, podem aparecer mais vezes que outras. Como hipótese, podemos considerar que quanto mais tempo a criança permanecer em um ambiente ansiogênico, mais expressões de estar vivenciando uma situação de Frustração e/ou Conflito Familiar ela poderá apresentar. O Gráfico 01 apresenta as características de Frustrações e Conflitos Familiares mais recorrentes em crianças, classificados conforme o grau de prevalência citados pelos autores nos artigos analisados.

Gráfico 01 - Frustrações e Conflitos Familiares mais recorrentes em crianças com dificuldades de aprendizagem.

FRUSTRAÇÕES E CONFLITOS FAMILIARES MAIS RECORRENTES EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM



		3	2 1		
		3		1 1 1 2	
				1 1 1 2	
	2 1 2 1			1 1 1 2	
				1 1 1 2	
				1 1 1 2	
1					1 2 1 1 1
1					1 2 1 1 1
1					1 2 1 1 1
	2 1				1 2 1 1 1
	2 1				1 2 1 1 1
	2 1				1 2 1 1 1

Fonte: (ANDRADE, 2015).

Ao analisar o Gráfico 01, podemos inferir que os comportamentos: Agitação; Ansiedade; Bullying; Insegurança; Sentimento de Confusão; e Tristeza, como os menos expressados por crianças que vivenciam situações de Frustrações e Conflito Familiar. As manifestações: Distração; Hiperatividade; Impulsividade; Separação dos Pais (de forma inesperada, ou seja, que acontecem sem nenhum tipo de diálogo prévio com os filhos do casal); Isolamento Social; e Sentimento de Inutilidade (impotência), podem ser caracterizadas como comportamentos de média recorrência. Brigas dos Pais; Baixo Senso de Eficácia ou Baixa Autoestima aparecem como manifestações mais comuns em crianças queixosas de problemas de aprendizagem e que vivenciam situações de Frustração e Conflito Familiar. A Tabela 05 apresenta uma estatística dos dados analisados no Quadro 01, a partir da prevalência e recorrência dos comportamentos citados no Gráfico 01, de acordo com cada autor.

Tabela 05 – Análise das causas de Frustrações e Conflitos Familiares e outros (pessoais), identificados em crianças com Dificuldades de Aprendizagem.

CAUSAS (OU TIPOS)

**FREQUÊNCIA DAS CAUSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS CONFLITOS E/OU FRUSTRAÇÕES
QUE ESTÃO RELACIONADAS COM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM** *Brigas dos Pais*
MAIOR FREQUÊNCIA

(74% - 99%) *Baixo Senso de Eficácia ou Baixa Autoestima; Isolamento Social; Sentimento de Inutilidade (impotência);*

FREQUÊNCIA ACIMA DA MÉDIA (60% - 73%)

Distração; Hiperatividade; Impulsividade; Separação dos Pais;

FREQUÊNCIA MÉDIA (45% - 59%)

Agitação; Ansiedade; Bullying; Insegurança; Sentimento de Confusão; Tristeza

FREQUÊNCIA ABAIXO DA MÉDIA (0% - 44%)

Fonte: (ANDRADE, 2015).

Fica evidente na Tabela 05 como as Frustrações e Conflitos Familiares podem resultar em problemas de aprendizagem de cunho emocional nas crianças. Cumpre esclarecer que, para tanto, deve-se eliminar hipóteses de causa orgânica.

A análise dos artigos, possibilitou-nos identificar que, entre os autores estudados, as manifestações mais recorrente citada como causadora de Frustrações e Conflitos Familiares em crianças que apresentam algum tipo de Dificuldade de Aprendizagem estão as “brigas entre os pais”, levando-nos a acreditar que ela exerce forte influência sobre o estado emocional das crianças.

As crianças em idade pré-escolar são particularmente vulneráveis, uma vez que não podem entender situações complexas familiares, ficam confusas perante os fatos que acontecem no núcleo familiar, principalmente quando estes não são dialogados com elas (OLIVEIRA et al., 2008).

Emocionalmente, a criança exposta a um contexto de brigas familiares, em que não há um diálogo aberto com ela, tende a culpar-se pela ruptura familiar. As crianças

41

sofrem quando são utilizadas como instrumento de negociação entre os pais, ou quando um pai deprimido tende a absorvê-la em busca de apoio e companhia (MAYCOLN, 2012). Num contexto familiar conflituoso, a criança precisa de especial apoio, e sofre quando não o consegue. Pode acontecer que o pai ou a mãe se encontrem quase sempre incapacitados para atenderem essa necessidade afetiva.

3.2.1 Indicadores de Frustrações e Conflitos Familiares que dificultam a

aprendizagem no H.T.P.

As Técnicas Projetivas Gráficas, enquanto recurso clínico, utilizam o desenho como forma de acessar conteúdos internos do cliente, neste contexto a criança, com a finalidade de propor a intervenção mais indicada, de acordo com as particularidades de cada caso (FORMIGA; MELLO, 2000).

O H.T.P. é um recurso clínico de uso restrito a psicólogos, foi padronizado no Brasil para ser utilizados em pessoas a partir de 08 anos de idade (BUCK, 2003). O teste, com base projetiva, busca obter informações subjetivas de um cliente em relação à sua personalidade, sua vida social e vida familiar, a partir da representação gráfica de 03 (três) desenhos distintos: uma casa, uma árvore e uma pessoa.

A aplicação consiste de uma fase não verbal, onde solicita-se do cliente a realização dos desenhos, e uma segunda, na qual é realizado um inquérito com o cliente com finalidade de obter informações sobre os desenhos realizados, nas fases seguintes são solicitados desenhos coloridos e é realizado novo inquérito sobre as novas produções. O instrumento fornece informações sobre aspectos subjetivos do cliente a partir dos desenhos que “fornecem um quadro da personalidade, que é complementado pelo inquérito posterior ao desenho” (BUCK, 2003, p. 144).

Para identificar as expressões gráficas de Frustrações e Conflitos Familiares em crianças com Dificuldade de Aprendizagem com o Teste H.T.P., foi criada uma Tabela para identificar as manifestações mais recorrentes nas crianças, ou seja, aquelas com chance \geq a 45% de ocorrer (Consultar Tabela 05). Pode-se observar que o H.T.P. apresenta condições de analisar tais indicadores, conforme ilustra o Quadro 02.

INDICADORES PRESENTES NO H.T.P. (BUCK, 2003)

CASA ÁRVORE PESSOA

Brigas dos Pais (situação no lar fora do controle)*

Relação com o Observador: vista de longe (p. 12)

--

Baixo Senso de Eficácia ou Baixa Autoestima;

Desenho muito pequeno; Pressão muito leve (p. 131)

Desenho muito pequeno; Pressão muito leve (p. 131)

Desenho muito pequeno; Pressão muito leve (p. 131)

Isolamento Social;

Portas fechadas; Ênfase nas cortinas, calhas, venezianas fechadas (p.13 e 14)

--

Sentimento de Inutilidade (impotência)*; - *Omissão do tronco*

(p. 136)

Pernas omitidas, diminuídas ou cortadas (p. 14); Cabeça muito pequena (p. 134);

Distração; -- *Perspectiva: Superior*

(p. 13)

Hiperatividade; ---

Impulsividade; ---

Separação dos Pais (desamparo)*;

Margem na parte inferior do papel (p. 12)

Margem na parte inferior do papel (p.

12) Margem na parte inferior

do papel (p. 12)

Fonte: (ANDRADE, 2015). * *Palavras que substituíram o item por compreenderem o traço analisado, porém como sinônimo.*

Na Tabela 05 foi possível relacionar as características apresentadas pelos artigos como sinais de Dificuldade de Aprendizagem resultantes de Frustrações e Conflitos Familiares com traços distintos no teste H.T.P. (BUCK, 2003). Alguns termos foram substituídos por sinônimos, uma vez que não atendiam especificamente a palavra empregada pelo autor dos artigos analisados, contudo, compreendiam a comportamento estudado.

Tais traços, ao serem identificados e analisados por critérios pré-estabelecidos pelo teste H.T.P. demonstram que o instrumento pode ser utilizado na confirmação de problemas de aprendizagem oriundos de Frustrações e Conflitos Familiares vivenciados por crianças. Fica evidente que quanto mais sinais presentes no desenho da criança, mais chances de ela estar vivenciando um contexto familiar ansiogênico. Cumpre esclarecer que nem todas as manifestações puderam ser analisadas pelo H.T.P., contudo são questões que podem ser inferidas e requeridas do cliente

durante a segunda fase da aplicação do teste, com aplicação do inquérito. A observação clínica pode ser outro facilitador do psicólogo no processo psicodiagnóstico e de levantamento de informações do cliente para confirmar, ou não, a hipótese de que a Dificuldade de Aprendizagem apresentada pela criança no contexto escolar pode ser decorrente de situações de Frustração e Conflitos Familiares.

3.2.1 Indicadores de Frustrações e Conflitos Familiares que dificultam a aprendizagem no D.L.

O Desenho Livre, enquanto técnica psicológica, a qual o psicólogo pode recorrer durante seu atendimento clínico é um recurso de fácil acesso, baixo custo e fácil aplicação. Sua maior dificuldade pode ser a falta de padronização, e poucos materiais publicados que permitem a análise literal dos desenhos administrados.

Assim como as demais Técnicas Projetivas Gráficas, o D.L. cumpre com sua função de acessar conteúdos íntimos e pessoais do cliente ainda no primeiro contato, com o diferencial de que, por ser uma técnica com elementos artísticos, pode ser administrada ainda no primeiro encontro com o cliente (CUNHA, 2000).

O desenho representa, em parte a mente consciente, mas também, de uma maneira mais importante, faz referência ao inconsciente (BÈDARD, 1998, p. 08).

Na sua administração é oferecido uma folha de papel ao cliente e solicita-se que faça um desenho de livre escolha. Podem ser utilizados apenas lápis preto (acromático), ou lápis de cor (cromático).

Para identificar as expressões gráficas de Frustrações e Conflitos Familiares

em crianças com Dificuldade de Aprendizagem com o Desenho Livre, utilizou-se como referencial 03 (três) autores distintos que falam sobre análise de Desenho Livre: Hammer, (1991); Campos (2006); e Bédard (1998), sendo que esta última dedica-se exclusivamente a análise de conteúdo inconscientes em desenhos infantis.

Para melhor visualização dos resultados, optou-se por criar uma Tabela (Tabela 06), para identificar as manifestações mais recorrentes nas crianças, ou seja, aquelas com chance \geq a 45% de ocorrer (Consultar Tabela 05), a partir dos artigos analisados.

44

Tabela 06 – Indicadores de Frustração e/ou Conflito Familiar encontradas no D.L.

MANIFESTAÇÕES DE FRUSTRAÇÃO E/OU CONFLITO FAMILIAR

TRAÇOS NO H.T.P. (BUCK, 2003)

HAMMER (1991) CAMPOS (2006) BÉDARD (1998)

Brigas dos Pais (Conflitos severos no lar)*

Figura em negrito; desenho da planta ou esquema da casa (p.104).

Nuvens carregadas (p. 50).

Baixo Senso de Eficácia ou Baixa Autoestima;

-

Desenhos excessivamente pequenos (p. 46).

Desenho (p.44). pequeno

-

Isolamento Social; *Desenhos* (p.46).

pequenos

Fora da margem do papel, traços interrompidos, mudando de direção, traços angulosos (p. 105),

desenho com detalhes inadequados (p.42).

Braços caídos grudados no corpo (p. 47).

Sentimento de Inutilidade (impotência)*;

Desenhos com traçados leves (p.47), desenhos rígidos (p. 49).

Uso exagerado da borracha (p. 45), movimento monótono (p. 44).

Figuras sem mãos (p. 47); Tronco da árvore fino (p. 52).

Distração; - *Falta de detalhes*

adequados (p.42). -

Hiperatividade; - -

Impulsividade;

Linhas em diferentes Desenho com traços

*direções, movimentos curtos (p. 47),
bruscos, desenhos mais para
Desenho no canto a esquerda (p.51).
inferior direito, traços peludos (p.39 e 41).*

-
Separação dos Pais (necessidade de segurança)*;

*Traços circulares (p. 47).
Flores repetidas no desenho (p. 54).*

Fonte: (ANDRADE, 2015).

** Palavras que substituíram o item por compreenderem o traço, porém como sinônimo*

Na Tabela 06 foi possível relacionar as manifestações encontradas no desenho com características de Dificuldade de Aprendizagem resultantes de Frustrações e Conflitos Familiares, conforme citado nos artigos analisados na pesquisa. Diferentes autores que se dedicam ao estudo do Desenho Livre foram utilizados para que pudéssemos analisar o maior número de expressões possível. Em alguns casos, termos foram substituídos por sinônimos, uma vez que não atendiam especificamente a palavra empregada pelo autor dos artigos analisado, contudo, compreendiam os aspectos estudados.

45

Cumprе esclarecer que nem todas as manifestações puderam ser analisadas pelos autores do D.L. Tais aspectos podem ser inferidos e/ou requeridos do cliente durante uma segunda fase da aplicação do teste, com entrevista e ou anamnese. A observação clínica pode ser outro facilitador do psicólogo no processo psicodiagnóstico.

46

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Técnicas Projetivas Gráficas são um recurso clínico ao qual o profissional psicólogo pode recorrer com o objetivo de conhecer melhor os sujeitos. Conforme Anzieu (1978), o grafismo é usado como forma de comunicação e expressão do desenvolvimento geral, principalmente entre crianças, sendo as técnicas projetivas:

House-Tree-Person Test ou Teste do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (HTP); e Desenho Livre (DL), amplamente utilizadas para estes fins.

Na contemporaneidade, os sujeitos evidenciam cada vez mais questões de intenso sofrimento emocional, sobretudo no contexto familiar. É crescente a recorrência de queixas ligadas à Frustrações e Conflitos Familiares, que em parte, podemos atribuir às mudanças sociais e transformações que as comunidades têm enfrentado na era pós globalização (BAUMAN, 2004). Tais mudanças são confirmadas pela fluidez com que os relacionamentos afetivos têm se estabelecido na atualidade. Os novos modelos de família caracterizam-se pela falta de vínculos duradouros, sem bases solidas, sem afeições, sem compromisso.

O resultado dessas relações insólidas ainda não foi totalmente mensurado pelas ciências, mas sabe-se que o impacto delas à formação cognitiva e emocional das crianças pode interferir tanto no seu desenvolvimento biopsicossocial, quando na construção de sua subjetividade.

Uma demanda recorrente das escolas na atualidade tem sido a necessidade de um diagnóstico clínico que comprove problemas educacionais em crianças, com a finalidade de se traçar o melhor projeto pedagógico para aquela criança (PILETTI E ROSSATO, 2011). Cabe problematizar que o sistema educacional brasileiro nem sempre consegue oferecer às crianças uma educação adequada às suas necessidades. Salas de aula cada vez mais lotadas, são obrigadas a apresentar resultados puramente estatísticos. Não há uma preocupação com os processos, e em como eles podem ser relevantes ao ensino aprendido.

É nesse contexto que surgem os problemas de aprendizagem, como um agravante para a formação de nossas crianças. A demanda torna-se um dos quadros clínicos mais recorrentes no consultório psicológico, nesse interim, aparecem as

famílias como pano de fundo para possíveis causas para essa demanda, uma vez que as causas orgânicas sejam eliminadas. Diante do discurso da família e da escola, o psicólogo clínico tem como analisar todos os fatores envolvidos nessa situação para

47

uma ressignificação da problemática apresentada, traçando uma intervenção clínica que atenda todos os fatores envolvidos na queixa.

Os desafios ainda são muitos para a categoria, que cada vez mais precisa recorrer a instrumentos clínicos eficazes para auxiliar nessas situações. Diante à emergência de novas demandas socioculturais, e das políticas públicas, o psicólogo precisa se refazer, e aperfeiçoar suas técnicas.

O estudo pôde comprovar que as Técnicas Projetivas Gráficas podem ser um recurso válido no contexto clínico, diante da problemática apresentada, já que permite ao psicólogo, identificar problemas educacionais decorrentes de Frustrações e Conflitos Familiares vividos pela criança.

Foi possível concluir que as Técnicas Projetivas Gráficas, permitem, a partir das expressões encontradas no desenho das crianças, identificar as causas das Dificuldades de Aprendizagem decorrentes de Frustrações e Conflitos Familiares. As características citadas pelos autores e que não puderam ser analisadas a partir das técnicas projetivas consultadas (H.T.P. e D.L.), podem ser confirmadas em contexto clínico, pela entrevista individual e familiar; anamnese; e/ou observação clínica.

Sendo ainda este trabalho uma aproximação inicial ao problema na identificação das causas das Dificuldades de Aprendizagem mediante o grafismo das crianças, considero que, pela importância do tema no cenário atual, permeado pelas novas estruturas familiares, faz-se necessário a continuidade de pesquisas sobre o

tema para aprofundamento no estudo das Técnicas Projetivas Gráficas, que permitem a identificação das Frustrações e Conflitos Familiares que não são verbalizados pelas crianças e que, tendo-se descartado a hipótese orgânica, são causas das Dificuldades de Aprendizagem Infantis.

48

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Agivanda Soares. **A influência da afetividade na aprendizagem.**

Brasília – DF, 2007. Disponível em:

<http://www.arteterapiadf.com.br/textos/monografia_completa.pdf>. Acesso em: 23 Mai 2015.

ANZIEU, D. **Os métodos Projetivos.** Rio de Janeiro: Campus, 1978.

APA - AMERICAM PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Dicionário de Psicologia

VANDENBOS, Gary R. (Org.). Tradução: Daniel Bueno et al. Porto Alegre: Artmed, 2010. 1040 p.

BAPTISTA, M. N.; CARDOSO, H.F.; GOMES, J.O. Intergeracionalidade familiar. In

BAPTISTA, Makilim N.; TEODOR, Maycoln L. M. (Org.). **Psicologia de Família:**

Teoria, Avaliação e Intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 39-47.

BASTOS, Alice Beatriz Barreto Izique. **Wallon e Vygotsky: psicologia e educação.**

São Paulo: Loyola, 2014.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Editor, 2004.

BENETTI, S. P. C. Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da

criança e do adolescente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a12v19n2.pdf>>. Acesso em: 22 Mai 2015.

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças.** 2. Ed. São Paulo:

Isis, 1998.

BOCK, Ana Mercês Bahia, GONÇALVES, Maria da Graça marchinha, FURTADO, Odair (orgs). **Psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BORSA, Juliane Callegaro. **Considerações sobre o uso do Teste da Casa-Árvore-Pessoa – H.T.P.** Vol. 9. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100017>. Acesso em: 9 Abr 2015.

BRAGA, Simone da Silva; SCOZ, Beatriz Judith Lima e MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. **Problemas de aprendizagem e suas relações com a família**. *Rev. psicopedag.* [online]. 2007, vol.24, n.74, pp. 149-159. ISSN 0103-8486. Acesso em 20 Mai 2015.

49

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Monografia. Universidade Estadual de Londrina: Londrina/PR, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf>> Acesso: 18 Out, 2015.

BUCK, Jonh N. **H-T-P: casa, – árvore –, pessoa, técnica projetiva de desenho: e guia de interpretação**. Tradução: Renato Cury Tardivo; Irai Cristina Boccato A. São Paulo: Vetor, 2003.

CAMPOS, D. M. S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e normas de interpretação**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CAPITÃO, C. G.; ROMARO, R. A. Concepção psicanalítica da família. BAPTISTA, Makilim N.; TEODOR, Maycoln L. M. (Org.). **Psicologia de Família: Teoria, Avaliação e Intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 48-57.

CARVALHO, Maria do Carmo. **A família contemporânea em debate**. São Paulo-SP. 7o ed. Ed. Cortez, 2006.

CHAIKLIN, Seth. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vygotsky sobre aprendizagem e ensino. Tradução: Juliana Campregher Pasqualin. **Psicologia em Estudo**. vol.16 no.4. Maringá Out./Dez. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000400016>>. Acesso em: 22 Mai 2015.

COLL, César; COLOMINA, Rosa. Integração Entre Alunos e Aprendizagem Escolar. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Psicologia da Educação. Porto Alegre, 2004, p. 299-314

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 002/2003. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001. Brasília, março de 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 007/2003. Institui o Manual de Elaboração de Documentos escritos produzidos pelo psicólogo, decorrentes de avaliação psicológica e revoga a Resolução CFP n. 17/2002. Brasília, 14 de junho de 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 003/2007 Institui a Consolidação das Resoluções do Conselho Federal de Psicologia. Brasília, fevereiro de 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 018/2008. Dispõe acerca do trabalho do psicólogo na avaliação psicológica para concessão de registro e/ou porte de arma de fogo. Brasília, dezembro de 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 001/2009. Dispõe sobre a obrigatoriedade do registro documental decorrente da prestação de serviços psicológicos. Brasília, março de 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 02/2009. Altera a Resolução CFP no 018/2008 e dá outras providências. Brasília, março de 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 007/2009. Revoga a Resolução CFP no 012/2000, publicada no DOU do dia 22 de dezembro de 2000, Seção I, e institui normas e procedimentos para a avaliação psicológica no contexto do Trânsito. Brasília, julho de 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 009/2011. Altera a Resolução CFP no 007/2009. Brasília, maio de 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP No 005/2012. Altera a Resolução CFP no 002/2003, que define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos. Brasília, março de 2011.

CUNHA, Jurema Alcides et al. **Psicodiagnóstico.** V. 5. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FORMIGA, N. S.; MELLO, I. **Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo.** 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932000000200004>>. Acesso em: 09 Abr 2015.

FREITAS, Fernanda Andrade; NORONHA, Ana Paula Porto. Clínica- escola: levantamento de instrumento utilizado no processo psicodiagnóstico. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2005. Vol. 9. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572005000100008>>. Acesso em: 22 Mai 2015.

FREITAS, Vicente et al. **O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano.** 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000100012>>. Acesso em: em 10 Abr 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HAMMER, Emanuel. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.** Tradução: Eva Nick. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

KRECH, D.; CRUTCHFIELD, R. **Elementos de Psicologia.** 2. Ed. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.

LAGO, Vivian de Medeiros; BANDEIRA, Denise Ruschel. **As práticas em avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda no Brasil**. Vol. 7. Porto Alegre, 2008.

Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S167704712008000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 maio 2015.

51

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katalysis**, v. 10, p. 35-45, 2007.

MARCONI, M. de; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 5. Ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

MATOS, Jacqueline Alves dos Santos. **Desenho infantil: um caminho para a aprendizagem**. 2010. Disponível em:<<http://www.webartigos.com/artigos/o-desenho-infantil-um-caminho-para-a-aprendizagem/41283/#ixzz3WxvdUT00>> 2010. Acesso em: 10 Abr 2015.

MAYCOLN, L. M. et. al. Família, Depressão e Terapia Cognitiva. BAPTISTA, Makilim N.; TEODOR, Maycoln L. M. (Org.). **Psicologia de Família: Teoria, Avaliação e Intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 39-47.

MAZER, Sheila Maria et. al. **Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados**. São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752009000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 Abr 2015

OLIVEIRA, D. et al. **Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão da produção científica**. **Interação em Psicologia**, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000141&pid=S0103-166X201200040000800014&lng=en>. Acesso em: 23 Mai 2015.

ORTEGA, Rosário; REY, Rosário Del. **Estratégias educativas para prevenção das violências**. Tradução: Joaquim Ozorio. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128721por.pdf>> Acesso em: 22 Mai 2015.

PEREIRA, A.L., BACHION M.M. Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidências. **Rev. Gaúcha Enfermagem**. Porto Alegre (RS); v. 27, n.4, p. 491-8, Dez. 2006.

PILETTI, Nelson et al. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Contexto, 2014.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**. São Paulo: Contexto, 2011

SAMPAIO, R.F, MANCINI, M.C. Estudos de Revisão Sistemática: Um Guia para Síntese Criteriosa da Evidência Científica. **Rev. Bras. Fisioterapia**. São Carlos, v.11, n.1, p 83-89, jan/fev. 2007.

SANCHEZ, Fátima Abad. A família na visão sistêmica. *In* BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODOR, Maycoln L. M. (Org.). **Psicologia de Família: Teoria, Avaliação e Intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 39-47.

52

SANTOS, Nilza Maria. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. 2009. <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2320-8.pdf>> Acesso em: 22 Mai 2015.

SAWAIA, B. B. **Família e Afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades**. In : ACOSTA, A. R. e VITALE, M. A. F.(orgs.) *Família : Redes, Laços e Políticas Públicas*, São Paulo: IEE/PUCSP, p.39-50, 2003.

SHAFFER, David R.; KIPP, Katherine. **Psicologia do desenvolvimento**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, Jose Maria; SILVEIRA, Emerson Sena. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOUZA, Maria das Graças; SILVA, Vivian Farias. **Mediação de conflitos na escola**.

Universidade Católica de Brasília, ago 2006. Disponível em:
<<https://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/artigo8.doc>>. Acesso em: 10 Abr 2015.

STEVANATO, Indira Stevanato et al. **Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento**. Vol.8. Maringá, 2003.
Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000100009>>. Acesso em:
11 Abr 2015.

SZYMANSKI, Heloísa. Teorias e “Teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000, p.23-27.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução: Jeferson Luiz Camargo; Revisão Técnica: José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla Neto et al. 6. ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEOTIEV. A.N.. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006.